

O HOMEM-PREOCUPADO

Rafael Lucas de Lima*

Resumo:

Para o filósofo marxista tcheco Karel Kosik, o século XX foi caracterizado pela profunda alienação da humanidade, alienação engendrada pelo fisicalismo positivista, que transformou os homens em meros manipuladores de máquinas, instrumentos e mesmo de outros homens. Tal transformação marca a transição da concepção de trabalho da filosofia clássica alemã (Hegel) à concepção do trabalho como *preocupação* (Heidegger). O homem-preocupado é, pois, o sujeito acriticamente inserido nas relações e processos sociais; denota o sujeito “ocupado com”, “pré-ocupado com” suas obrigações sociais, econômicas, políticas; aliás, preocupação é “transposição subjetiva de realidade do homem como sujeito objetivo” (KOSIK), isto é, é o indivíduo constantemente voltado para fora de si, para as obrigações impostas pela sociedade, e assinala, em última instância, a submissão do sujeito aos padrões externamente impostos, os quais o alienam e dificultam qualquer ação de si sobre si mesmo. Ante o exposto, este trabalho tem o objetivo de lançar alguma luz sobre a problemática da preocupação a partir da discussão kosikiana apresentada na *Dialética do Concreto*, posto que tal problemática seja importante para pensarmos a sociedade e os homens contemporâneos.

Palavras-chave: Karel Kosik. Preocupação. Fisicalismo positivista.

THE CARED-MAN

Abstract:

For the Czech Marxist philosopher Karel Kosik, the twentieth century was characterized by a profound alienation of humanity, alienation engendered by positivist physicalism, which turned men into mere manipulators of machines, tools and even other men. This transformation marks the transition of the conception of work of the classical German philosophy (Hegel) for the conception of work as *care* (Heidegger). The cared-man is, therefore, the subject uncritically inserted in relationships and social processes; denotes the subject "occupied with", "pre-occupied with" their social, economical, political obligations; alias, care is “subjective transposition of reality from man as objective subject” (Kosik), i.e., is the individual constantly facing away from himself, to the obligations imposed by society, and notes, ultimately, the submission of the subject to externally imposed standards, which alienated him and hinder any action from him about himself. Based on the foregoing, this article aims to shed some light on the issue of care from the discussion presented in Kosik’s *Dialectic of the Concrete*, given that this issue is important to think about society and

* Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil.
E-mail: estultissimo@yahoo.com.br.

contemporary men.

Key-words: Karel Kosik. Care. Positivist physicalism.

Diversos filósofos se dispuseram a pensar, sob vários aspectos, a relação entre filosofia e ciência no mundo contemporâneo; essa relação tem se tornado cada vez mais estreita, e isso na medida em que a existência e o modo de ser dos homens tem se tornado mais e mais condicionados e dependentes do conhecimento técnico-científico e de seus produtos. Para o filósofo tcheco Karel Kosik, o século XX foi caracterizado por uma profunda alienação da humanidade, alienação que foi engendrada, em grande medida, pelo avanço crescente de uma forma específica de pensar, conhecer e representar o que sejam a realidade objetiva, os homens e os fenômenos naturais e sociais; tal forma é o *positivismo*, ao qual Kosik se refere como “fiscalismo positivista”.

O fiscalismo positivista, isto é, o pensamento científico em suas diversas áreas, tende a estender e impor sua própria perspectiva acerca da realidade objetiva e dos fenômenos que nela se manifestam, às demais formas de conhecimento – incluindo a filosófica –, como sendo a única válida e verdadeiramente eficaz para propor respostas e soluções às indagações e problemas humanos. Com isso, dá-se a obliteração de todas as demais formas de conhecimento em face do discurso científico.¹⁷⁸

O fiscalismo positivista é responsável pelo equívoco de ter considerado uma *certa imagem* da realidade como a *realidade mesma*, e um *determinado modo* de apropriação da realidade como *o único autêntico*. Com isso, em primeiro lugar ele negou a inexauribilidade do mundo objetivo e sua irredutibilidade à ciência, que é uma das teses fundamentais do materialismo; e em segundo lugar empobreceu o mundo humano, por ter reduzido a um único modo de apropriação da realidade a riqueza da subjetividade humana, que se efetiva historicamente na *praxis* objetiva da humanidade (KOSIK, 1976, p. 25; grifos meus).

Da hegemonia social do discurso científico deriva aquilo que Kosik denominou de “mundo da pseudoconcreticidade”. O mundo pseudoconcreto é o lugar no qual a realidade *objetiva* é

¹⁷⁸ Profunda investigação acerca do autoritarismo do discurso científico foi levada a cabo por Michel Foucault, mais especificamente nas obras das chamadas “fase arqueológica” e “fase genealógica”. Aliás, há inúmeros pontos de convergência entre a análise foucaultiana do discurso científico, e mesmo do poder, e a análise de Kosik acerca do poder e da ciência.

transfigurada em realidade *objetual*, isto é, em “realidade dos objetos”, e os homens em nada mais que meras quantificações científicas e peças substituíveis do sistema capitalista; é o espaço onde produtos e coisas são personificados, adquirindo autonomia diante dos seus próprios criadores e condicionando diretamente seu *ethos*, ao passo que os homens são coisificados; tal mundo é ainda o lugar da cotidianidade maquinal, das rotinas acriticamente vividas; mas, apesar disso, o mundo pseudoconcreto se apresenta à consciência dos indivíduos como “o mundo da pretensa intimidade, da confiança e da familiaridade em que o homem se move ‘naturalmente’ e com que tem de se avir na vida cotidiana” (KOSIK, 1976, p. 11).

Para Kosik, o fisicalismo positivista, ao engendrar a pseudoconcreticidade, enseja ainda o engendramento de dois modos específicos de ser dos homens no mundo pseudoconcreto, aos quais correspondem dois tipos homens: o *homem-preocupado* – que enquanto vive pertence à preocupação –, e o *homo oeconomicus* – abstração na qual a ciência da economia política converte o homem a fim de investigá-lo –. Nesta ocasião, interessa-me discutir apenas acerca do *homem-preocupado*.

Na *Dialética do concreto* (1963), Kosik direciona sua crítica unicamente à ciência da *economia política*, ainda que faça menção à biologia, à física, à psicologia, à sociologia. Tal direcionamento não é nada sintomático. Sendo um materialista histórico, Kosik parte do pressuposto de que os homens, sua existência, tanto a empírica quanto a abstrata, e suas condições materiais de existência devem ser investigados sempre “em conexão com a história da indústria e do intercâmbio” (MARX e ENGELS, 2007, p. 52), isto é, devem ser investigados partindo-se das formas históricas do modo de produção e do intercâmbio material. Isso implica dizer que toda investigação que vise conhecer o homem – a começar pela filosofia – deve partir do pressuposto *histórico* de que a sociedade, os fenômenos e processos sociais, assim como as diversas ciências e tudo aquilo que constitui o mundo humano-social são *produtos da praxis humana*.

Para Kosik, a existência dos indivíduos nas sociedades contemporâneas é grandemente condicionada pela economia política. Neste sentido, afirma Kosik:

O modo primordial e elementar em que a economia existe para o homem é a *preocupação (die Sorge)*. Não é o homem que tem preocupação, é a preocupação que *possui* o homem. O homem não é preocupado ou despreocupado; a preocupação é que *é presente* tanto no preocupar-se como no despreocupar-se. O homem pode libertar-se da preocupação, mas não pode eliminá-la. ‘Enquanto vive, o *homem pertence à preocupação*’ (1976, p. 59; aspas do autor, parênteses e grifos meus).

Ante o exposto, pode-se depreender que é a economia que determina o modo de existência humano ao assumir a forma da preocupação. Essa afirmação de Kosik parece-me bastante acertada, posto que a preocupação, entendida como “ocupar-se com” ou “preocupar-se com”, exprime o homem como um ser *ocupado com* as relações sociais, *preocupado com* suas obrigações familiares, profissionais, políticas, etc. etc., em uma palavra, refere ao homem como um ser que não pode se desvencilhar de uma dada configuração ou disposição da realidade social. Contudo, há que se observar que o termo “preocupação”, no pensamento de Kosik, não significa qualquer forma de inquietação, angústia ou perturbação. Para ele, a preocupação “não é um estado psíquico ou um estado negativo do espírito, que se alterne com um outro, positivo” (KOSIK, 1976, p. 60), nem “o estado de consciência cotidiano de um indivíduo cansado, que dela se pode libertar mediante a distração” (1976, p. 61).

O que vem a ser, então, a preocupação? Preocupação é o modo próprio da existência humana no século XX. Para Kosik (1976, p. 64), o mundo da preocupação “constitui o superficial plano universal da realidade” naquele século. Em nenhuma outra época histórica os homens se encontraram tão envoltos e condicionados pela tecnologia, pelos aparelhos, instrumentos e máquinas; em nenhum outro momento a quantidade de produtos produzidos foi tão grande e o consumo tão intenso; nunca antes a natureza foi tão considerada um imenso laboratório e reserva de matérias-primas como do século passado aos nossos dias.¹⁷⁹ Essas transformações na realidade objetiva ocasionaram ainda uma modificação qualitativa no que tange ao trabalho em si e ao produto desse trabalho. Partindo do pressuposto de que o trabalho é uma atividade diretamente relacionada ao devenir, à criação, à produção (de alimentos, artefatos, instrumentos, obras de arte etc.) – o que pressupõe também certa habilidade e criatividade do trabalhador –, logo percebemos que tal relação não mais corresponde às maneiras pelas quais os homens exercem hoje o seu trabalho. Nas atuais circunstâncias em que ele é exercido, e já desde suas primeiras divisões formais, o ato criativo, genético, foi completamente desvinculado dele, ou pelo menos da absoluta maioria de suas formas.

A criatividade, enquanto transposição de subjetividade – por meio do trabalho – do criador para a coisa criada, foi expurgada, e em seu lugar tem reinado a mera manipulação, como diz Kosik:

¹⁷⁹ “No mundo patriarcal da plaina, do martelo, do serrote, não é possível captar a problemática dos equipamentos e aparelhos, que é criação do moderno mundo capitalista do séc. XX” – KOSIK, 1976, p. 65.

O preocupar-se é manipulação (de coisas e homens) na qual as ações, repetidas todos os dias, já de há muito se transformaram em hábito e, portanto, são executadas mecanicamente. O caráter coisificado da *praxis*, expresso pelo termo preocupar-se, significa que na manipulação já não se trata mais da obra que se cria, mas do fato de que o homem é absorvido pelo mero ocupar-se e ‘não pensa’ na obra. O ocupar-se é o comportamento prático do homem no mundo já feito e dado; é tratamento e manipulação dos aparelhos no mundo, mas não é *criação* do mundo humano (1976, p. 64; aspas, grifos e parêntes do autor).

Os produtos auferidos pela atividade laborativa, a partir do momento em que não mais recebem ativamente um sentido da subjetividade humana, tornam-se coisas estranhas ao homem, coisas que parecem adquirir vida e existir por si mesmas, já que o homem se vê apenas como mero manipulador passivo da máquina que produzirá tais produtos. Deste modo, o criador se aliena diante de sua criatura.¹⁸⁰ Esse processo, por meio do qual os homens submetem sua atividade a um controle alheio (*Entäußerung*) – controle exercido pela divisão do trabalho, pela técnica, pela manipulação, em uma palavra, pelo utilitarismo prático cotidiano –, assinala a transição do *trabalho* para o mero *ocupar-se*, isto é, para a preocupação.

A passagem do ‘trabalho’ para a ‘preocupação’ reflete de maneira mistificada o processo da fetichização das relações humanas, cada vez mais profundo, em que o mundo humano se manifesta à consciência diária (fixada na ideologia filosófica) como um mundo *já pronto*, e provido de aparelhos, equipamentos, relações e contatos, onde o movimento social do indivíduo se desenvolve como empreendimento, ocupação, onipresença, enleamento – em uma palavra, como ‘preocupação’ (KOSIK, 1976, p. 63; aspas, grifos e parêntes do autor).

Ainda segundo Kosik:

A ‘preocupação’ é a *transposição subjetiva* de realidade do homem como sujeito objetivo. O homem, (sic) é sempre vinculado por conexões e relações com a própria existência, a qual é atividade, embora se possa acrescentar sob a forma de absoluta *passividade e inércia*. A ‘preocupação’ é o *enredamento*

¹⁸⁰ Marx e Engels referem a esse processo de *personificação das coisas* como *poder objetal* (sachliche Macht) – cf. MARX e ENGELS, 2007, p. 56.

do indivíduo no conjunto das relações que se lhe apresentam como mundo prático-utilitário. Portanto as relações objetivas se manifestam ao indivíduo não na intuição, mas na *praxis*, como mundo do trabalho, dos meios, fins, projetos, obstáculos e êxitos (1976, p. 60; aspas do autor, grifos meus).

O homem como ser concreto, dotado de existência empírica, está inserido na realidade objetiva (quer enquanto natureza quer enquanto sociedade) e com ela se relaciona de diferentes maneiras.¹⁸¹ As conexões e relações que vinculam a humanidade à realidade concreta implicam em transposições de subjetividade daquela para esta, o que se dá também de formas distintas.

No que tange ao âmbito da realidade humano-social, os vínculos que atrelam os indivíduos uns aos outros são propriamente sociais, quer dizer, são nada menos que invenções e convenções; tais vínculos têm seus fundamentos na família, na língua, na cultura, no direito, no Estado, etc., e implicam transposições subjetivas específicas, nas quais não adentrarei aqui. A forma de vinculação essencial dos homens uns aos outros e à sociedade, em última instância, forma que penso ser a abordada por Kosik no presente contexto, é a que se manifesta no e pelo trabalho.

O trabalho é a atividade através da qual o modo de existência humano e o mundo social são configurados; é por meio dele que se originam as condições materiais de vida encontradas por cada nova geração, condições que podem ser transformadas somente por meio do trabalho e, por meio daquelas transformações, novas condições materiais de existência podem surgir e conduzir a humanidade a estágios cada vez mais complexos de desenvolvimento material e espiritual. Entretanto, as condições que hoje permeiam o trabalho o rebaixam à posição de simples *meio para* – ele é um meio para acumular riquezas, para conseguir *status* social; é a senda pela qual projetos podem ser realizados, fins podem ser alcançados; é o trampolim que deve impulsionar os indivíduos que trabalham segundo o *espírito do capitalismo* para o tão almejado êxito, seja ele qual for. O trabalho assim condicionado e praticado por bilhões de pessoas ao redor do mundo se transforma em *praxis* utilitária, em fetichismo; ele expressa a *passividade* e a *inércia* que caracterizam o enredamento acrítico dos indivíduos nas conexões e relações da sociedade capitalista – passividade que se manifesta no caráter abstrato do trabalho como manipulação, que exclui o processo criativo ao lançar os indivíduos num já-dado; inércia que se revela na determinação

¹⁸¹ Não compartilho do pensamento de que o mundo humano-social seja algo *separado* do mundo natural. O mundo social *é* natureza. Neste sentido, entendo por sociedade ou realidade humano-social a parcela da natureza que foi transformada pela ação do homem.

dos indivíduos de fora para dentro, na inconsciente ausência de motivações reais surgidas das necessidades reais de cada indivíduo mesmo, na comunhão com práticas “universais” que, precisamente por serem “praticadas por todos”, são essas mesmas que devem ser praticadas, quando em verdade o “universal é sempre a forma ilusória da comunidade” (MARX e ENGELS, 2007, p. 57). Os indivíduos transpõem sua subjetividade, isto é, envidam suas faculdades, seus talentos, suas almas, para alcançar objetivos que, ao fim e ao cabo, são aqueles que a sociedade capitalista, o mundo prático-utilitário, determina como sendo os mais dignos e pelos quais vale a pena sacrificar suas vidas. Portanto, acertadamente Kosik afirma que as relações objetivas no mundo prático-utilitário não se manifestam aos homens na intuição (elas não são cindidas, pensadas e conhecidas), mas tão somente no imediatismo inerente à realidade fenomênica. Se os homens conseguissem discernir clara e distintamente a *aparência* da *essência*, o *fenômeno* da *coisa em si*, então poderiam conhecer a realidade naquilo que ela é em si mesma, uma vez que, por meio de tal distinção, destruiriam a pseudoconcreticidade.

A realidade em si mesma não é outra coisa que não produto da *praxis* humana. Considerar a realidade social um produto ou manifestação de “entidades” metafísicas, tais como o *Espírito Absoluto*, *Deus*, a *Providência*, a *mão invisível* etc., ou mera congêrie de fenômenos por trás dos quais pode-se encontrar leis objetivas, é permanecer no círculo mais profundo do mundo da pseudoconcreticidade.

Concluindo, gostaria apenas de dizer que, para Kosik, destruir a pseudoconcreticidade significa romper em alguma medida com o modo de existência engendrado pelo mundo capitalista, isto é, romper com a preocupação. Neste sentido, Kosik apresenta o que ele acredita serem práticas que podem ensejar aquela destruição. Todavia, na *Dialética do Concreto*, ele contenta-se apenas em apresentar o que seriam tais práticas, depois de constatado o problema da pseudoconcreticidade do mundo, não desenvolvendo nenhuma consideração acerca do indivíduo que, na sua *praxis*, efetua aquela destruição. Apesar disso, podemos perceber o interesse dele no engendramento de indivíduos autônomos, os quais atingiriam essa autonomia mediante a crítica. Assim como ele, resignar-me-ei a apresentar os modos de efetuação da destruição da pseudoconcreticidade, deixando para outro momento uma discussão mais específica acerca de cada um deles. Destarte,

[...] a destruição da pseudoconcreticidade se efetua como: 1) crítica revolucionária da *praxis* da humanidade [...], (da) qual as revoluções sociais

constituem as etapas-chave; 2) pensamento dialético, que dissolve o mundo fetichizado da aparência para atingir a realidade e a ‘coisa em si’; 3) realizações da verdade e criação da realidade humana em um processo ontogênico, visto que para cada indivíduo humano o mundo da verdade é, ao mesmo tempo, uma sua criação própria, espiritual, como indivíduo social-histórico. Cada indivíduo – *pessoalmente e sem que ninguém possa substituí-lo* – tem de se formar uma cultura e viver a sua vida (KOSIK, 1976, p. 19; grifos do autor, parênteses meus).

REFERÊNCIAS

KOSIK, Karel. *Dialética do Concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.